

## Editorial

Prezadas/es/os leitoras/es,

com esta edição, que corresponde ao primeiro número do décimo segundo volume de publicações do periódico, chegamos ao lançamento da quarta e última capa produzida no ano de 2021. Conjuntamente, atingimos, também, o encerramento de um ciclo, operado ao longo de 2020 e 2021 com base em dois elementos, já referidos em ocasiões anteriores. O primeiro consistia na necessidade de periodização da revista, que, entre 2017 e 2019, não recebeu atualizações de volumes. Já o segundo surgiu desprevenidamente no decorrer do primeiro semestre do ano passado, quando, após as primeiras semanas de isolamento e suspensão das atividades acadêmicas presenciais, nos deparamos com a necessidade de reestruturar os modos de trabalho do grupo para a modalidade virtual. Ele corresponde, portanto, a uma fase de realização remota de tarefas, em meio à qual, devido a uma alta rotatividade de integrantes fruto das dificuldades pandêmicas, acompanhamos o surgimento de novas demandas de organização interna, caso dos tutoriais de editoração desenvolvidos para amparar o aprendizado dos diversos processos que precedem a composição integral de cada encarte.

Essa etapa trouxe consigo, ao menos, uma ampliação das redes acadêmicas de interação, à medida que tivemos as impossibilidades de contato por distanciamentos geográficos suprimidas através da extensa utilização de plataformas *online*. Assim, o presente volume, enquanto produto final das estruturas pandêmicas de funcionamento de um coletivo

de ensino, pesquisa e extensão, traz em seu conteúdo influxos diretos de tal condensação de espacialidades, dada a vinculação dele ao dossiê de textos de temas livres aberto em fevereiro de 2021, cuja recepção positiva se manifestará, ainda, nas duas próximas capas do veículo. Para além dos impactos mais evidentes, relacionados à diversidade institucional do corpo de pareceristas e do rol de filiações universitárias das pessoas que colaboraram por meio da submissão de textos, destacamos a adoção de uma postura dialógica frente a outros meios, a qual propiciou a investigação de enfoques e normativas seguidos por demais comissões, levando-nos, então, ao alargamento das políticas editoriais e dos tipos de seção da *Cadernos de Clio*. Nesse sentido, é destaque do atual volume a inauguração da seção de Entrevistas, voltada a suscitar aproximações entre o núcleo discente do PET e pesquisadoras/es da grande área de Ciências Humanas responsáveis por trabalhos recentes de renovação dos enfoques histórico-sociais, dos horizontes epistemológicos e das ferramentas teórico-metodológicas de análise. É com imensa satisfação que o grupo PET História UFPR apresenta o segundo número do décimo primeiro volume da revista *Cadernos de Clio*.

Junto ao novo eixo textual, salientamos o protagonismo da seção de resenhas, que, nesta capa, assume o dobro de sua extensão convencional, apresentando dois trabalhos do campo de História da Ásia - um reflexo do aprofundamento das inserções da revista no âmbito dos cursos de graduação em História da UFPR, que contam, desde 2020, com disciplinas optativas acerca desse recorte; e, por consequência, de uma diversificação

historiográfica bastante necessária em face dos debates sobre decolonialidade e a produção de Histórias a partir do Sul Global -, e outros dois de ostensivo engajamento com produções literárias e musicais contemporâneas. Acompanhando esses textos, temos a tradicional seção de artigos, desta vez de proporções compactas, com três trabalhos, em face dos entraves enfrentados pela comunidade acadêmica nacional no decorrer de todo o ano, que, ligados a perdas de financiamentos à pós-graduação e a sobrecargas de funções, levaram a um aumento dos períodos de emissão de pareceres. Função que, aliás, é constantemente trazida à discussão por se colocar como tarefa não remunerada, impulsionando questionamentos sobre os paradigmas de inviabilidade socioeconômica de participação nos processos de geração de conhecimentos científicos à vista de suas estruturas materialmente limitantes.

Apesar dos arrefecimentos, todas as contribuições reunidas permitem desvelar a continuidade de um nível ativo de produção social crítica, com ênfase ao espaço das graduações, dimensão preponderante entre as esferas das quais partem os envios aqui dispostos. É sob tal prognóstico que adentramos, por fim, os detalhes de composição do volume, o qual se inicia pelo artigo “A Tradição, a Crítica e as Representações da Modernidade em Howard Phillips Lovecraft: Uma Análise Triangular entre Literatura e Documentos de Intimidade”, de **Luan Kemieski da Rocha**, graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná e mestrando na área pela UFPR. Nele, o pesquisador parte da alta cultural que vem sendo formada em torno dos escritos de terror do estadunidense H. P. Lovecraft e

analisa trechos de seus livros e cartas pessoais sob o mote de observação dos valores morais e das opiniões do escritor em relação à conjuntura de transformação social vivenciada nos Estados Unidos após a Guerra de Secesão (1861-1865), enquadrada pela historiografia como uma das dimensões da “modernidade” ocidental. A urbanização, a industrialização, a chegada massiva de imigrantes e a presença de trabalhadores negros no mercado de trabalho são alguns dos fenômenos de modernização pautados por Lovecraft e cuja abordagem literária é analisada por Rocha, que atenta para um ideário antimoderno por parte do autor aristocrático, que faz uso deliberado de posicionamentos racistas para criticar o que considerava a “degeneração” de seu país pela consolidação das metrópoles de mão de obra não anglo-saxã.

Já “As Facetas da Crítica à Arte Moderna no Eixo Rio-São Paulo”, artigo escrito por **Andressa de Oliveira Nascimento**, graduada em História pela Universidade Federal do Paraná, busca fornecer um panorama matizado dos diferentes discursos de crítica ao modernismo brasileiro que se manifestaram nos âmbitos artístico e midiático no decorrer do século XX, a fim de superar as visões dicotômicas que reduzem as oposições à corrente a perspectivas de defesa de um “academicismo” legado do período imperial. Conforme explica a autora, as teorias de degenerescência herdadas do evolucionismo racista do século XIX, as hierarquias entre estéticas pela discriminação ao que era considerado “popular” e carente de traços realistas e o anticomunismo exerceram papéis fundamentais na reprodução de retóricas de rechaço e descreditação do valor artístico das

produções modernistas, em um embate que englobou nomes como Monteiro Lobato, Augusto Bracet e Oscar Guanabarino pelas seis primeiras décadas do século passado e que parece revelar, igualmente, as oposições políticas e sociais em voga para determinação de ideais de identidade nacional.

“Uma Breve Reflexão sobre o Processo de Apropriação do Saber Fazer das Parteiras pela Medicina da Mulher no Brasil do Século XIX”, que corresponde à versão adaptada de um dos capítulos da dissertação de mestrado de **Juliana Fonseca da Silva Linhares Bueno**, finaliza esta seção. Bueno, graduada em História (UNESPAR), mestra em Ciência, Tecnologia e Sociedade pelo IFPR/Paranaguá e doutoranda em Tecnologia e Sociedade (UTFPR), argumenta, a partir de anais de médicos do final do século XIX, que o campo de serviços ginecológicos constituiu uma das faces de imbricação entre os discursos de legitimação da Ciência e o sistema moderno de gênero que subalterniza o potencial de conhecimento das mulheres e, ao mesmo tempo, seus domínios sobre os próprios corpos. Assim, a mandatoriedade de licenciamento profissional por parteiras e as campanhas públicas de difamação do gênero feminino por associações com a fragilidade e a inferioridade mental são apresentadas como mecanismos centrais à consolidação da autoridade ginecológica masculina, em violação das atuações de profissionais mulheres da esfera pública, muitas das quais de ascendência africana.

O material da parte de estreia fica por conta de “Um Pé na Cozinha’: Entrevista com Taís De Sant’anna Machado”. Conduzida por

**Heloisa Motelewski e eu**, graduandas em História pela UFPR e integrantes do grupo, a sessão de perguntas e respostas foi realizada remotamente com a pesquisadora, que concluiu recentemente seu doutorado em Sociologia pela Universidade de Brasília, tendo desenvolvido uma tese de título homônimo ao selecionado para a entrevista - “Um pé na cozinha : uma análise sócio-histórica do trabalho de cozinheiras negras no Brasil”. O questionário foi colocado após um primeiro contato do grupo com a socióloga, que ocorreu através da realização de uma conferência online no mês de outubro, em nosso canal de *Youtube*. Assim, as perguntas buscaram aprofundar aspectos da fala de Machado, bem como aspectos pontuados nos capítulos iniciais de sua tese, contemplando reflexões sobre a trajetória acadêmica internacional da entrevistada, suas leituras sobre as epistemologias feministas negras e as relações entre História, Sociologia e questões raciais na produção de pesquisas em Humanas no Brasil. Os apontamentos da convidada, por sua vez, oferecem uma espiada ao amplo repertório de referências e análises sociohistóricas tecidas por ela na versão completa da pesquisa, possibilitando conhecer conceitos e referenciais introdutórios tanto dos Estudos da Alimentação, quanto da Sociologia histórica sobre o pós-abolição, a diáspora e os pensamentos feministas negros.

O espaço dedicado às resenhas conta com a análise de *Dívida Perigosa* (2018), filme distribuído pelo serviço de streaming *Netflix*. Elaborado pela graduanda em História (UFPR) **Cassiana Sare Maciel**, o texto delineia os estereótipos orientalistas e as distorções culturais e

históricas disseminadas pela obra estadunidense em relação aos *yakuzas*, espécie de guerreiros unidos em diferentes clãs no decorrer do passado japonês. Tendo como base metodológica as conceituações de Marcos Napolitano e Ismail Xavier, e apoiando-se nas formulações de Edward Said e Homi Bhabha para pensar as composições de representações sobre as sociedades asiáticas, a autora chama atenção para o esvaziamento de características e narrativas dos personagens japoneses, sendo o protagonista - não à toa, estadunidense - o único a escapar desse padrão. Ademais, o registro de formas gerais e banalizadas de violência seriam prova final da avaliação que desenvolve, segundo a qual o filme não é algo que não um discurso orientalista.

A seguir, passamos a "Madonna: Engajamento Político E Reflexões Sobre O Tempo Presente Em *Madame X*", redigido por **Andreza Silva Prado**, pós-graduanda em Uso Educacional da Internet pela Universidade Federal de Lavras e graduada em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Destacando-se por sua diversidade tipológica, uma vez que volta-se a comentar coletânea musical contida na versão *deluxe* do disco *Madame-X* (2019), a resenha apresenta de forma detalhada as escolhas líricas, sonoras e visuais utilizadas para compor as catorze faixas do álbum mais recente da diva pop estadunidense. Prado não só retoma o percurso de ativismo da cantora, conhecida por seu forte apoio às lutas contra a homofobia e a AIDS na década de 1990, como destrincha as simbologias e falas reivindicatórias contidas nos clipes, evidenciando a presença de composições multiculturais - caso das parcerias de *funk* e

*reggaeton* com Anitta e Maluma -, a veemência de seu posicionamento contra o porte de armas e a violência racial nos EUA, e as influências da vida recente da artista em Portugal, refletidas no emprego de palavras na língua lusa e na incorporação de letras remetendo aos traumas da escravidão e à importância histórico-cultural das Batukadeiras de Cabo Verde.

A terceira resenha do volume é de autoria do doutor em História Social (UFPA) **Filipe Soares** e intitula-se “Muitas Vezes é Mais Cômodo Conviver com uma Falsa Verdade do que Modificar a Realidade”. A frase que nomeia o trabalho faz referência às impressões do autor sobre os argumentos contidos em *Sobre o autoritarismo brasileiro* (2019), da historiadora e antropóloga Lilia Moritz Schwarcz. Escrito visando a alcançar o grande público e no contexto de ascensão do neofascista Jair Bolsonaro, o livro escancara mitos fundadores nacionais, como o da democracia racial e o da cordialidade, mascarando relações estruturais de desigualdade que fazem do autoritarismo e da violência duas constantes entrelaçadas do cotidiano nacional, desmembrada em crimes de racismo, conflitos por concentração fundiária e discriminações sistemáticas de gênero e sexualidade - explica Soares. Para ele, a obra ganha as vezes de indicação de leitura à medida que condensa discussões historiográficas ao mesmo tempo em que reforça continuamente o papel pedagógico do conhecimento histórico e da memória social para a efetivação de rompimentos com os enlaces coloniais de autoritarismo que se manifestam no presente brasileiro.

Por último, temos “Mulan de 1998 e 2020: os Estereótipos, Orientalismos e Narrativas da Cultura Asiática que Permaneceram após 22 Anos”, de **Marcela Langer**, estudante de graduação em História pela Universidade Federal do Paraná. Aqui, referências como Homi Bhabha e Edward Said voltam à tona, sendo mobilizadas para explicitar uma postura de manutenção de práticas narrativas de estigmatização da cultura chinesa por parte do cinema ocidental, que, seja na versão filmica da história da guerreira Hua Mulan lançada em 1998, seja na mais recente, patrocinada pela gigante audiovisual *Walt Disney* em 2020, retratou a China em traços ahistóricos. Isto é, como uma sociedade sempre presa a um passado imutável, de crença em criaturas míticas, espíritos ancestrais cuja importância é deturpada e centralidade imperial autocrática. Com baixa receptividade de bilheteria, pontua Langer, o *live action* da animação clássica da companhia estadunidense seria, portanto, prova da contínua incapacidade de constituição de um cinema dotado de alteridade positiva frente a populações não caucasianas, em uma corroboração orientalista rechaçada já mesmo por parcelas do público global.

Com isso, finalizamos a apresentação deste volume, que esperamos que seja de leitura prazerosa e enriquecedora às pessoas que nos lêem. Para o ano que se aproxima, almejamos dar continuidade aos esforços de aprimoramento do periódico, agora em modalidade presencial, com zelo à sua regularidade de publicação e à pluralidade de gêneros de escrita. Buscaremos intensificar laços interdisciplinares, tal qual intra e interinstitucionais - com diferentes instâncias do Ensino Superior e em

consonância com as finalidades do Programa de Educação Tutorial -, através de dossiês, convites para pareceres e para a organização de séries temáticas. Com as entrevistas, prosseguiremos o desenvolvimento de diálogos profícuos às atividades dos projetos de pesquisa e extensão do grupo. Agradecemos imensamente todas/es/os que, em algum grau, contribuíram para o andamento das práticas editoriais da *Cadernos de Clio* neste de 2021. Esperamos que desfrutem, à medida do possível, do ano seguinte e que possam seguir em contatos de trocas com a revista.

Boa leitura!

Rafaela Zimkovicz,  
Dezembro de 2021.